

Ressonâncias da sociedade de controle na contemporaneidade: uma abordagem deleuziana

Resonances of the society of control in contemporaneity: a Deleuzian approach

LETÍCIA PEDRASSA PRATES¹

ESTER MARIA DREHER HEUSER²

Resumo: A elaboração deste artigo está motivada pela compreensão de que pensar à luz de Gilles Deleuze produz contribuições para a lida com os complexos processos contemporâneos. O artigo ocupa-se da noção deleuziana de sociedade de controle, traçando algumas de suas reverberações e contrastes em contextos históricos heterogêneos, ou seja, em relação à sociedade disciplinar, conforme formulado por Michel Foucault, e aos dias de hoje. Objetiva apreender parte dos comportamentos e condutas emergentes, tanto como produtos quanto como produtores daquilo que se configura socialmente. Nesse sentido, estabelece reflexões sobre as dinâmicas em jogo na atualidade, questionando se concernem a mecanismos mais flexíveis e difusos quando contrapostos a outras circunstâncias histórico-sociais.

Palavras-chave: Sociedade de Controle; Deleuze; Foucault.

Abstract: This article is motivated by the understanding that thinking in the light of Gilles Deleuze makes contributions to dealing with complex contemporary processes. The article deals with Deleuze's notion of a society of control, tracing some of its reverberations and contrasts in heterogeneous historical contexts, in relation to disciplinary society, as formulated by Michel Foucault, and the present day. It aims to grasp some of the emerging behaviors and conducts, both as products and as producers of what is socially configured. In this sense, it establishes reflections on the dynamics at play today, questioning whether they concern more flexible and diffuse mechanisms when contrasted with other historical and social circumstances.

Keywords: Society of Control; Deleuze; Foucault.

¹ Mestra em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bolsista CAPES. Pós-graduada em História, Sociedade e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP (Especialização lato sensu). Bacharelado e Licenciatura Plena em Filosofia (2015 a 2019) pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) no período de 01/09/2016 a 31/08/2018. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de 01/04/2019 a 05/01/2020. E-mail: lepprates25@gmail.com

² Professora do Centro de Ciências Humanas e Sociais, Curso de Filosofia (Graduação e Pós-graduação), da UNIOESTE, *campus* Toledo. Coordenadora do GT Deleuze e Guattari da ANPOF (2024-2025). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5548908138476554>. E-mail: esterheu@hotmail.com

As complexidades contemporâneas atravessam-nos o tempo todo. Vivemos em uma conjuntura de grandes turbulências políticas, sociais e econômicas. Nota-se, nesse contexto, a mobilização de incontáveis forças que outrora nos eram desconhecidas, as quais podem ser em parte apreendidas por meio das mutações do sistema capitalista. Observa-se, em resumo, a articulação das dinâmicas neoliberais, a emergência de um intenso estado de miséria no tecido social simultâneo ao fomento das ferramentas de empreendedorismo, o desmantelamento das leis trabalhistas, a popularização das redes sociais e da inteligência artificial, a circulação de aspectos relativos à vigilância, com câmeras por toda a parte, a difusão da tecnologia dos algoritmos, dentre outros fatores, cujos efeitos podem ser compreendidos por meio de estratégias voltadas, de alguma forma, à condução dos comportamentos. Tratar-se-ia da articulação de mecanismos mais pulverizados e, também, disseminados em maior amplitude, quando contrastados com o que se deu em outras conjunturas históricas?

Em 1990, o filósofo Gilles Deleuze consolidou a noção de sociedade de controle, especialmente a partir do que viu da produção do escritor William S. Burroughs (2016; 2021). Em vista disso, as entrevistas presentes na coletânea *Conversações* (1992) são fundamentais à investigação sobre a sociedade de controle. Pode-se dizer que, propriamente em *Conversações* (1992), Deleuze sistematiza tal noção. No entanto, convém destacar que a noção de sociedade de controle também foi mencionada em outros momentos, como na obra *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas* (1975-1995) (2016) e no livro *Foucault* (2005). A partir das considerações feitas por Deleuze sobre Foucault — sobretudo no curso do qual proveio o livro *Foucault* (2005) — que a noção de sociedade de controle passa a ser apresentada conceitualmente.

Isto posto, ainda que tal noção seja imprescindível ao entendimento do que se desenrola na contemporaneidade, convém notar a existência de um importante deslocamento histórico entre as vicissitudes que marcam o presente e as formulações deleuzianas relativas à sociedade de controle. Grosso modo, na década de 1990 emergiram significativas ocorrências concernentes ao fim da Guerra Fria, momento em que se desenvolveram o processo de globalização e o avanço das políticas neoliberais, além da ascensão dos EUA como superpotência junto à

oficialização do fim da URSS, a expansão do uso da Internet, avanços na ciência etc. Enfatiza-se, no geral, a desconstrução da divisão política anteriormente posta e a difusão de questões, posicionamentos e condutas que não existiam até então.

À luz do deslocamento histórico entre o presente e o passado, cabe considerar, portanto, as forças que nos afetam e permeiam “[...] varia[ndo] suas condições, pensando-[as], acrescentando novos elementos e ajustando-[as] às condições atuais” (Deleuze, 1992, p. 174), assim como a outras conjunturas tomadas como recorte analítico. Atenta-se, desde já, para o entendimento de determinados processos históricos como integrados a configurações temporais mais amplas, ou seja, como conectados a outros contextos, e não de forma isolada. Ao que parece, a fala pronunciada por Michel Foucault em 1970, sobre a contribuição filosófica de Deleuze: “mas um dia, talvez, o século será deleuziano” (Foucault, 2013, p. 240) ressoa, ainda, nas reflexões sobre os processos atuais. Mas, especificamente, de que maneira seria possível apreender a afirmação de Foucault sobre Deleuze, agora, no século XXI? Quais as reverberações e diferenças do que Deleuze denominou como sociedade de controle nos dias de hoje?

O diagnóstico deleuziano foi preciso: segundo o filósofo, no que tange à sociedade de controle, o corpo social se encontrava diante de um novo *modus operandi*, com configurações significativamente distintas do que Foucault havia descrito como próprias às sociedades disciplinares. De maneira mais precisa, em contraste com as sociedades disciplinares – alusivas a técnicas de vigilância e punição praticadas em espaços fechados, como as fábricas, as escolas, os hospitais e as prisões –, Deleuze notou, na sociedade de controle, a disseminação de mecanismos altamente ágeis e versáteis de controle ao ar livre. A consideração feita pelo filósofo foi, nesse sentido, implacável: quanto às formas de “[...] controle incessante em meio aberto, [...] os confinamentos mais duros [...] pare[cem] pertencer a um passado delicioso e benevolente” (Deleuze, 1992, p. 220). A fala de Deleuze acerca do controle incessante em meio aberto refere-se, sob tal perspectiva, às forças concretas em atuação nas últimas décadas do século XX. Considera-se, tanto na sociedade de controle quanto na disciplinar, a difusão de formas específicas de dominação.

A sociedade disciplinar, estabelecida em meados do século XVIII, foi definida por Foucault em atenção à consolidação dos mecanismos de distribuição dos corpos em determinados espaços a partir de técnicas que objetivavam confiná-los, regulá-los e domesticá-los, a fim de adaptá-los às dinâmicas de trabalho ativas no início do processo de industrialização europeu (Foucault, 1987; Prates, 2024). Não à toa, na sociedade disciplinar, se passa continuamente de um meio de confinamento a outro, ou seja, da família à escola, da escola ao trabalho, e assim por diante (Deleuze, 1992). Ao funcionamento da sociedade disciplinar, os corpos – ao mesmo tempo, produtos e produtores das estratégias e mecanismos de poder – exponenciam as condutas de si e dos outros, suscitando processos de subjetivação que podem incluir diversos modos de sujeição, a fim de produzir corpos dóceis e úteis à ordem política (Foucault, 1987).

Vale lembrar que os processos de subjetivação não podem ser entendidos meramente como bons ou ruins, mas sempre como perigosos (Foucault, 2010). Todos nós somos subjetivados, em vários níveis e em todos os contextos. Deve-se notar, no tocante a isso, quando os próprios processos de subjetivação se tornam processos de assujeitamento, ou seja, de mera sujeição das condutas. Interessa mencionar que tais processos estão profundamente implicados com os modos de vida.

Talvez faça sentido estabelecer, então, uma relação entre o que foi mencionado anteriormente sobre a sociedade disciplinar com o que Deleuze e Guattari, elucidaram, em *Mil Platôs* (1996), sobre a vida segmentarizada pelas forças que se firmam socialmente. Para os filósofos, somos segmentarizados por configurações lineares, sendo cada linha concernente às fases da vida – família, escola, exército, trabalho etc.; por segmentações circulares, com círculos cada vez mais extensos, relativos às funções com as quais nos envolvemos no trabalho, no bairro, na cidade e no país; e por segmentações binárias, alusivas às expressivas oposições duais, como homens e mulheres, crianças e adultos (Deleuze; Guattari, 1996; Prates, 2024). Destaca-se, segundo os filósofos (1996), que tais segmentariedades não são fixas, uma vez que se movimentam e se manifestam em incontáveis fluxos. Convém questionar se considerar tais segmentariedades é

suficiente para abordar os processos de subjetivação e sujeição, junto às forças em jogo na sociedade de controle.

Em relação ao que Deleuze denominou como sociedade de controle nota-se, portanto, a ação de múltiplas instâncias que se manifestam de modo simultâneo, as quais devem ser visualizadas e apreendidas por meio de inúmeras ramificações. Trata-se da articulação de configurações político-sociais e econômicas multifacetadas, de fluxos heterogêneos mobilizados em muitas direções – não enrijecidas, tampouco centralizadas nem circunscritas a ordens piramidais ou às dicotomias entre núcleo e margem. Supõe-se que na sociedade de controle despontam elementos variáveis, transformáveis e pulverizados que coexistem com as segmentaridades lineares, circulares e binárias e, ao mesmo tempo, tendem a extrapolá-las. Isso tanto no nível molar quanto molecular, macro e micro, entendidos como intrínsecos um ao outro.

É imprescindível destacar, no entanto, que da mesma maneira que “[...] a vida moderna não destituiu a segmentaridade, mas que ao contrário a endureceu singularmente” (Deleuze; Guattari, 1996, p. 86), tal processo de endurecimento não foi interrompido na sociedade de controle quanto mais emergiu, em suas condições sociais, as noções de escolha, de flexibilidade e, também, de liberdade (já cara à Modernidade). Como efeito disso, ressalta-se, na contemporaneidade, a manifestação de fundamentalismos, conservadorismos, autoritarismos e moralismos – na lógica de tais segmentaridades duras, evidencia-se uma sociedade que pode ser lida, ao mesmo tempo, como pulverizada, solta e composta por multiplicidades. Talvez se possa afirmar que esse endurecimento passa pela profusão de distintos formatos que, ao que parece, têm a pretensão de se distanciarem das segmentaridades duras enquanto, na prática, as reproduzem direta ou indiretamente. Salienta-se que tais segmentaridades não são concebidas em um sentido transcendente e absoluto, mas sim como parte daquilo que emerge socialmente em cada contexto. Reflexões sobre a captura das condutas, tidas como produtos e produtoras das práticas sociais em questão, serão elaboradas no decorrer da presente escrita.

Conforme dito, há, na sociedade de controle, a movimentação de um excesso de saberes, discursos, valores, tecnologias, que se entrelaçam e se reconfiguram de

maneira constante e complexa. Impossível não citar a atuação dos diversos perfis de consumo, as figuras cifradas e a lógica de dados do mercado. Para Deleuze (1992), constata-se, na sociedade de controle, a expansão de uma espécie de linguagem numérica, estatística, que atua por meio de moldagens oscilantes, capazes de se alterar a cada instante, de acordo com as dinâmicas comerciais. Sob tal ótica, o filósofo argumenta que talvez até mesmo a comunicação esteja apodrecida, inteiramente perpassada pelo dinheiro, o que não poderia ser explicitado simplesmente como uma causa acidental, mas como condição imanente do que denomina como sociedade de controle. Percebe-se como inúmeros jogos de interesse atravessam o corpo social atuando como produto e reflexo das engrenagens do capital.

Como mencionado por Deleuze (1992), Foucault já identificava a brevidade do sistema disciplinar, apontando o controle como característica fundamental do futuro próximo. Diferentemente da sociedade disciplinar, cujas instituições operavam por meio de moldes que objetivavam corrigir e aperfeiçoar os corpos, na sociedade de controle: “reforma[-se] a escola, reforma[-se] a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo” (Deleuze, 1992, p. 224), subsumidas às diretrizes das empresas e das grandes corporações.

Na sociedade disciplinar, os indivíduos transitam linearmente de um meio de confinamento a outro, mal se encerra um processo e já se está inserido em outro: “[...] a escola nos diz: ‘Você já não está mais em família’, e o exército diz: ‘Você já não está mais na escola...’” (Deleuze; Guattari, 1996, p. 84). Na sociedade de controle, ao contrário, os diversos processos tendem a coexistir em uma mesma modulação: visualiza-se, pois, o desenvolvimento de uma formação continuada, voltada, por várias vias, para a noção de capacitação profissional como exigência de uma vida próspera, por exemplo. As tarefas cotidianas, relativas a numerosos afazeres e preocupações, se tornam permanentes e, em certo sentido, intermináveis. Trata-se de um número incontável de atividades, deveres e compromissos que se desenrolam simultaneamente na ordem do dia.

Levando em conta a atuação dessas novas forças, o filósofo (Deleuze, 1992) assinala que os espaços disciplinares cederam lugar à lógica da empresa. Diante

disso, ele discorre sobre como, no capitalismo, o mercado possui viés homogeneizante, isto é, totalizante e incitador de um estado de riqueza e imensa miséria. Ademais, assinala que o perfil do indivíduo endividado substituiu o do indivíduo confinado, tornando-se o retrato da conjuntura em questão (Deleuze, 1992). Daí que a empresa e demais instâncias, como o *marketing*, passaram a cumprir com o papel da “[...] raça imprudente dos nossos senhores” (Deleuze, 1992, p. 228).

No que concerne às dinâmicas de trabalho, existentes no processo de industrialização da sociedade disciplinar, atenta-se que a lógica fabril organizava os indivíduos em um só corpo, uma massa – o que, por um lado, beneficiava o patronato, que vigiava e controlava simultaneamente a massa de indivíduos e cada um de seus elementos, individualmente. Por outro lado, os sindicatos encontraram, na própria lógica fabril, formas de mobilizar tal massa de indivíduos para ações de resistência (Deleuze, 1992). Na sociedade de controle, no entanto, visualizam-se outras dinâmicas, talvez mais astutas, uma vez que “[...] a empresa introduz o tempo todo uma rivalidade inextinguível como a emulação, excelente motivação que contrapõe os indivíduos entre si e atravessa cada um, dividindo-o em si mesmo” (Deleuze, 1992, p. 225). Uma das estratégias utilizadas por essa forma de controle refere-se à prática do sistema de prêmios, já conhecida pelas fábricas, mas que adquire dimensões diferentes nessa nova conjuntura (Deleuze, 1992). A lógica da empresa, ao impor parâmetros e metas a serem cumpridos frente às circunstâncias de aguda instabilidade e constante desafio, faz com que toda e qualquer tarefa a ser realizada se transforme em intensos ciclos de competição. Pode-se dizer que tal disposição se expressa tanto nas instituições, no geral, quanto nas demais esferas sociais, inclusive nas relações pessoais. Deleuze expressa, de maneira incisiva, como, nesse contexto, “já não dispomos da imagem de um proletário a quem bastaria tomar consciência” (Deleuze, 1992, p. 217).

Em vista disso, baseando-se nas assertivas deleuzianas, no que concerne aos dias de hoje, parece que junto ao esvaziamento da imagem do proletário, que manifestar-se-ia contra a exploração do trabalho, ganha espaço a estratégia do endividamento como instrumento da gestão de expectativas. Endividar-se corresponderia, nesse sentido, a uma espécie de ganho simbólico, visto que muitos

indivíduos sequer conseguem se endividar. Além disso, em relação às configurações laborais contemporâneas, seria impossível não mencionar o processo de uberização do trabalho, exercido pela intermediação das plataformas digitais. Sob o pretexto da flexibilidade de horários e da autonomia do trabalhador, fomentadas por certa ruptura da relação tradicional entre o funcionário e o contratante, o trabalho passa a ser supervisionado pela tecnologia dos algoritmos. Como parte dos efeitos dessa nova configuração destacam-se, portanto: o desmantelamento dos direitos trabalhistas, a obtenção de um retorno financeiro incerto e, sobretudo, insuficiente para os trabalhadores, junto a total exploração de sua mão de obra.

Parece válido afirmar que, no período atual, estamos diante de mecanismos ainda mais flexíveis e difusos, disseminados em maior amplitude quando contrastados com o que se deu em outras conjunturas históricas. Há a difusão de forças que se materializam de modo complexo, turvo, embaçado e multidimensional – algo similar à imagem de uma nebulosa, uma zona cinzenta³, capaz de permear todos os vínculos sociais. Observa-se a emergência de um novo mundo, inspecionado pelo controle algorítmico das populações, por plataformas e aplicativos que monitoram nosso dia a dia – guiando, influenciando e moldando nossas condutas. Algoritmos que funcionam por meio do cruzamento de dados, orientados por princípios matemáticos e estatísticos cada vez mais eficazes, aptos a promover a interação entre sistemas e realizar o rastreamento em tempo real, adaptando-se ao contexto vivenciado pelos usuários. Atenta-se, dessa forma, à ascensão de tecnologias reguladas pelo *feedback* de todos e de cada um: tal sistema é impulsionado pelos *likes* de determinadas publicações, assim como pela ausência de reação ao que é exposto virtualmente.

³ Em *Conversações* (Deleuze, 1992, p. 216-217), encontram-se importantes considerações de Deleuze sobre a expressão “zona cinza”, em referência às reflexões de Primo Levi sobre os campos de concentração e extermínio da Alemanha nazista. Deleuze (1992) é enfático ao comentar, segundo Primo Levi, que todos nós somos manchados pelo nazismo.

Encontramo-nos ligados à difusão de uma interminável quantidade de informações, divulgadas por muitas vias. Como efeitos dessa profusão, embasada na comunicação instantânea, no papel das redes sociais etc., destaca-se como as condutas seguem os movimentos do mercado em suas várias camadas: grandes corporações, influenciadores digitais e afins. Percebe-se, com isso, uma tática de condução das condutas, que se modificam constantemente e com rapidez, de acordo com os discursos e imagens que circulam e ganham espaço socialmente. Assim, comportamentos marcados por ambiguidades e incoerências se manifestam tanto nas entrelinhas quanto de modo explícito. Em síntese, somos capturados e, ao mesmo tempo, reproduzimos, com convicção, intensas performances de si, fomentadas pela incessante busca por valores e metas a serem alcançados, em paralelo aos modos de se autogerenciar, tornar-se empreendedor, lidar bem com a própria vida. Nessa perspectiva, vêm à tona a circulação de expressões como: reinventar-se, inovar-se, empoderar-se, ter autenticidade. Ao que parece, desejamos ser mais do que controlados.

Como uma das ressonâncias da sociedade disciplinar na sociedade de controle, verificável na contemporaneidade, há a propagação de palavras de ordem. Supõe-se que a proposição “tornar-se a melhor versão de si mesmo” desponta como um dos comandos de ordem dos dias atuais, que se expressa em consonância com as novas relações com a imagem, alusivas aos *selfies* e aos *storys*, nas redes sociais. Com isto, ocorre uma espécie de edição da própria vida. O cenário se monta, envolto por imediatismos. Tudo se torna parte do mercado, que opera por nichos, fazendo reverberar o desejo por validação. Focaliza-se a divulgação de discursos e imagens que repercutem, em certa medida, os princípios da meritocracia, isto é, de que tudo aquilo que é desejado será acessível, caso nos esforcemos no trabalho, na universidade – ou seja, se e somente se fizermos nossa parte. “Que o espetáculo comece!”. Parece profícuo assinalar, nessa direção, que o neoliberalismo contemporâneo, incitador de paradoxos na vida de cada um, faz com que nos entendamos como donos de nós mesmos enquanto, como nunca ocorrido da mesma forma em outras condições históricas, reforça o esvaziamento da própria existência (Prates, 2024). Esvaziamento esse que pode ser compreendido, ainda que parcialmente, como relativo a uma auto responsabilização, concebida nos

momentos em que os objetivos almejados não conseguem ser atingidos. Acrescenta-se, como mais uma das características do tempo presente, a sobreposição da vida individual à vida alheia, inclusive com aqueles com quem se criam laços. Não escapam à atenção as práticas de competitividade, oportunismo, coleguismo, troca de favores e alpinismo social, como possíveis desdobramentos daquilo que foi supracitado – ou seja, comportamentos que, embora não sejam onipresentes, ainda se desenvolvem, a partir de outras dimensões, como essenciais ao sistema político-econômico.

No que concerne a mais uma das implicações desse paradoxo, impossível não indicar a emergência de certa patologização da vida, segundo configurações não antevistas que se manifestam em conjunto com a disseminação de discursos psiquiátricos, psicológicos e a medicalização das populações. Configura-se, diante disso, novos modos de subjetivação e sujeição das condutas. A patologização do social, associada à medicalização da vida, possui convergências com as estratégias neoliberais de governo das condutas (Soares, 2022).

Em relação a isso, cabe ressaltar que uma das singularidades histórico-políticas da conjuntura atual tem a ver com a necessidade de diagnosticar a si mesmo e aos outros, além de admitir padrões sobre como agir bem nas situações da vida, se auto aperfeiçoar e se superar em todas as condições. Observa-se a circulação de narrativas que nos culpabilizam pelo tipo de vida que seguimos. Tudo isso sob o pretexto de uma vida ideal, bem-sucedida e promissora, não apenas em termos financeiros, mas também quanto a determinadas noções de autenticidade e intensidade, experimentadas na realização de si pela via das relações afetivas, do engajamento social e do envolvimento com princípios da saúde, do autoconhecimento, da inteligência emocional etc. Trata-se de um cenário complexo, pois são consolidadas formas de captura das condutas marcadas pela crença em um absoluto protagonismo da própria existência, as quais buscam espelhar o que é admitido socialmente como “ter uma boa vida”, ao passo em que se percebe um brutal enfraquecimento que se mostra de muitas formas. Focaliza-se, de acordo com o que foi apresentado anteriormente, o desenvolvimento simultâneo de certa simulação de quem se é e de uma velada negação de si.

De fato, o que Deleuze descreveu como sociedade de controle se potencializou em determinados aspectos na contemporaneidade, principalmente no que diz respeito às diversas formas de controle a céu aberto. Pode-se dizer que as condições históricas para isso já estavam dadas há décadas e Deleuze, como filósofo de seu tempo, detectou e elaborou conceitualmente a articulação das forças em jogo no campo social, embora ainda não pudesse ter pleno alcance do que surgiria agora, no século XXI. No tocante a isso, nós, como indivíduos imersos no tempo presente, somos inevitavelmente moldados pelas forças políticas, sociais e econômicas que nos atravessam. Ressalta-se, nesse ponto, a necessidade do entendimento do passado como vivo no presente e vice-versa, dado que, no que tange aos mecanismos e estratégias utilizados em cada contexto, estão entrelaçados diversos níveis de coesão e singularidades. Em outras palavras, isso mostra a importância de desconstruir a compreensão linear que temos do tempo: o passado, o presente e o futuro, de alguma forma, coexistem.

A Filosofia Política, então admitida como exercício para refletir sobre o que acontece, desestabilizando perspectivas unívocas e rígidas, tende a abrir caminhos à compreensão do que se desenrola socialmente. Desse modo, o pensamento deleuziano se revela como ferramenta essencial à investigação do tempo presente devido à sua dinamicidade própria, capaz de lidar com as forças que se encontram em devir. Aí está uma das maiores belezas da filosofia deleuziana: sua potência desmedida e funcionamento rizomático, composto por uma pluralidade de linhas, sempre dispostas de forma singular, pois não possuem as mesmas direções nem os mesmos fluxos, mas sim movimentos incessantes, que se deslocam, se desalinham e se articulam de maneira não-linear. Com efeito, à luz da filosofia deleuziana, dar vazão ao movimento do pensamento exige que nos tornemos cartógrafos do nosso próprio pensamento, dando espaço às novidades dos conceitos, no sentido de encontrar rotas, fronteiras, acidentes, pontos de conexão e cruzamento, em direções impossíveis de serem antecipadas (Heuser, 2008).

Estamos diante da necessidade de dispor de estratégias analíticas, de viés eminentemente político, considerando a “[...] implantação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação” (Deleuze, 1992, p. 229). Deparar-se com a atuação dessas novas forças no corpo social requer a ascensão de novas formas de

resistência, uma vez que “não [se] cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas” (Deleuze, 1992, p. 224). Para Deleuze (1992), uma das questões mais importantes a ser abordada diz respeito à necessidade de redimensionamento das ações dos sindicatos. Enfatiza-se, desde já, que o filósofo jamais fechou caminhos às condições de múltiplas possibilidades de resistência, inclusive no que se refere aos sindicatos, mas acentuou novos focos ao devir revolucionário. Nessa linha de raciocínio, questionou se os sindicatos “[...] ligados, por toda sua história, à luta contra as disciplinas ou [a]os meios de confinamento, conseguir[iam] adaptar-se ou ceder[iam] lugar a novas formas de resistência contra as sociedades do controle?” (Deleuze, 1992, p. 230). Desconstruindo as imagens tradicionais, circunscritas aos grandes eventos históricos, o contato com as produções do filósofo nos leva a problematizar se as práticas de resistência tenderiam a permanecer as mesmas, meramente espelhando o que se deu em outras conjunturas, ou se levariam em conta a atuação de novos mecanismos no âmbito social. Afinal, como essas práticas poderiam ser efetivadas? Aventa-se que tais práticas corresponderiam àquilo que desenvolver-se-ia sem determinações fixas, deliberadas, estabelecidas *a priori*.

Na sociedade de controle do final do século XX, não era mais preciso confinar o corpo para dominá-lo, assim como praticado pela sociedade disciplinar. Na contemporaneidade parece haver um processo mais profundo, relativo a uma espécie de controle incessante, que se reproduz em todos os domínios da vida, minuciosamente. Conforme Deleuze “a velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle” (Deleuze, 1992, p. 227). A mudança da toupeira para a serpente corresponde às alterações existentes no *modus operandi* da sociedade disciplinar para a sociedade de controle. Importa assinalar, sob essa linha de raciocínio, que “os anéis de uma serpente são ainda mais complicados que os buracos de uma toupeira” (Deleuze, 1992, p. 230), o que se expressa também em relação à locomoção de tal réptil, que se dá por meio de curvas, de forma sorradeira e deslizante. Tendo em vista os dias de hoje, considera-se, para finalizar, que o vírus – parasita, agente infeccioso – pode ser admitido como expressão simbólica daquilo que emerge socialmente: tanto por ser invisível a olho nu quanto por atuar subterraneamente nas células do corpo

social, enfraquecendo-o, até se revelar subitamente, na perda de forças que nos são vitais.

Referências

BURROUGHS, William. *Almoço nu*. Tradução Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BURROUGHS, William. Os limites do controle. *Verve*, 39, p. 143-154, 2021.

DELEUZE, Gilles. *Conversações (1972-1990)*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. Tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução de Claudia Sant' Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia (vol. 3)*. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Ditos & Escritos II*. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

HEUSER, Ester Maria Dreher. História da filosofia: escola de intimidação ou de criação? In: VIII SIMPÓSIO SUL-BRASILEIRO SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA, FORMAÇÃO DOCENTE E CIDADANIA. Caxias do Sul – RS, p. 1-11, maio 2008. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/tplCongressoFilosofia/extensao/agenda/eventos/cd_6o/comunicacoes_cientificas/apresentacao/formacao/ester.pdf. Acesso em: 23 jan. 2022.

PRATES, Letícia Pedrassa. *Fascismo, Nazismo e seus neologismos: uma abordagem arquivística de inspiração foucaultiana*. Orientadora: Ester Maria Dreher Heuser. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2024. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/7661>. Acesso em: 14 abr. 2025.

SOARES, Silvio de Azevedo. *Microquímica do poder: uma análise genealógica dos psicofármacos contemporâneos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/kfzsz>. Acesso em: 27 jun. 2024.

Submissão: 27.06.2025 / Aceite: 15.07.2025